

Sánchez-Valverde, C. & Montané López, A. (2020). *La educación social en los extremos: justicia social y paradojas de la práctica*. Valencia: Institut de Creativitat i Innovacions Educatives da Universidad de Valencia, 169 pp.

Carlos Sánchez-Valverde Visis e Alejandra Montané López trazem para o mercado editorial a obra coletiva *La educación social en los extremos: justicia social y paradojas de la práctica*, publicada em 2020, sob a chancela do Institut de Creativitat i Innovacions Educatives da Universidade de Valência.

Prefaciado por Miquel Gómez Serra e colaborado por um leque de renomados investigadores e profissionais do terreno no campo da educação social, o livro em análise apresenta diversas abordagens teóricas aliadas a um trabalho hermenêutico multidimensional e a diferentes posicionamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos sobre a educação social. Prefigura-se como um importante suporte a todos quantos centram a sua atenção investigativa e trabalho profissional sobre esta temática.

No prefácio, Miquel Gómez Serra releva a importância desta obra por evidenciar a necessidade de ter uma visão positiva das contradições e dos paradoxos existentes no campo da educação social, sublinhando que esses paradoxos e contradições são importantes para o debate e o progresso deste campo disciplinar. Com isto Miguel Gómez Serra quer-nos dizer que é fundamental projectar um ideal de esperança para todos aqueles que trabalham nesta área de intervenção. A esperança é um sentimento que constitui o poder transformador necessário para se alterar a realidade. A esperança funciona como um farol, orienta a intervenção e apela à transcendência. A esperança faz a ligação entre o real e o virtual, procurando com isso dar um novo sentido ao desenvolvimento pessoal e social. Este autor analisa a obra mediante quatro eixos: (i) a dialética entre as dimensões de controle e mudança inerentes a qualquer ato educativo; (ii) a dialética entre objetividade e subjetividade e as suas relações com a construção do conhecimento e a delimitação do ato educativo; (iii) o jogo entre as condições gerais materiais e culturais de vida e a singularidade do sujeito e do seu itinerário vital e (iv) as visões de onnipresença e onipotência do ato educativo face às visões que partem dos seus limites e imprevisibilidade. Miquel Gómez Serra conclui que é necessário contextualizar a ciência, o sujeito e o conhecimento numa determinada realidade histórica e dentro de determinadas relações sociais. E sustenta que compete ao educador social saber gerir e conviver com as contradições e paradoxos da atual complexidade social.

No primeiro artigo, *Las paradojas en la educación social y en sus efectos: la asignación de destinos desde la adjetivación y el paternalismo. La responsabilidad de los*

*formadores y formadoras*, Sánchez-Valverde, educador social e professor de Educação Social na Universidade de Barcelona, põe em relevo a educação social como reconhecimento do Outro, pondo a tônica na reflexão ética e profissional e requerendo um posicionamento (bio)ético. Esta relação entre o *bio* e o *ethos* é de particular importância para a educação social, pois problematiza a vida para além da mera existência, dando-lhe um sentido humano e humanizador. No enunciado discursivo deste artigo, parte da metáfora da alimentação /saúde - sublinhando que o desejo não é a mesma coisa que a realidade – para apresentar uma reflexão sobre algumas experiências da educação social que objetiva mudar e melhorar a vida das pessoas.

Em *Reflexiones en torno a la educación social, el reconocimiento y la resonancia: espejos y reflejos*, a autora, Alejandra Montané López, professora da Universidade de Barcelona, centra a sua análise em torno da ideia de que a educação social e todas as profissões que trabalham com o social, ao operarem em contextos de exclusão, podem produzir, ou reproduzir desigualdades. E descodifica a semântica e a polissemia da metáfora do espelho e do reflexo que integra uma parte do título. Se a palavra ‘espelho’ constitui um sistema estabelecido formalmente, global e local, normativo e institucional, onde o educador social atua; o ‘reflexo’, por sua vez, constitui as múltiplas considerações paradoxais que atravessam o pensamento, o conhecimento e a ação e moldam o imaginário social. A autora, que desenvolve reflexões substantivas e ancoradas em diversos postulados teóricos e epistemológico, conclui que, face à complexidade do mundo atual e de um futuro incerto, é de curial importância que os profissionais que operam no domínio do social entendam as relações, as intervenções e as práticas, numa dimensão multirreferencial. A dignidade da pessoa não pode ser alienada nem escamoteada. É preciso considerar que a dignidade de cada um merece ser vivida. Para isso é necessária consciência e senciência. Isto garante a nossa abertura ao acolhimento do outro.

Joan Dueñas Ferrándiz, enquanto educador social, intitula o artigo *La educación Social. Una profesión para el cambio*. Na tessitura do texto, faz, por um lado, uma reflexão a partir da experiência da própria prática profissional sob o viés duma perspetiva ética e, por outro, uma interpelação aos profissionais da educação social sobre como enfrentar os desafios de uma profissão vocacionada para a transformação. O educador social é um agente de mudança e, por isso, urge transformar não só as condições de vida das pessoas a quem prestam auxílio mas também as estruturas sociais que criam situações de exclusão e de precariedade. O educador social é um agente de mudança . É na mudança que está a inovação. É na mudança que está o desenvolvimento. Por isso, o educador social, por natureza da sua própria profissão, assina um compromisso ético com a reflexão-ação. Não importa só mudar, importa que as mudanças a introduzir não sejam vistas apenas como alterações técnicas, mas como alterações deliberadas da valorização profissional.

No artigo intitulado *Paradojas, límites y obstáculos de y en la educación social*, o autor, Moyano Mangas, na dupla condição de educador social e professor da Universitat Oberta de Catalunya, parte de uma (re)leitura do mito clássico de Sísifo, inspirador - como aliás toda mitologia grega - da condição e idiossincrasia humanas para relevar algumas questões sobre as práticas contemporâneas da educação social. É interessante assinalar esse mito porque ele marca uma realidade, narra como ela é produzida. Embora tenha um significado difuso, ele atrai a preocupação das pessoas por algo que serve de modelo. Serve para compreender os elementos caracterizadores. Tal como Sísifo foi obrigado a retomar o seu trabalho por toda a eternidade, talvez o autor nos queira dizer com isso que as práticas contemporâneas da educação social devem continuamente perseguir os seus ideais educativos. O autor destaca, entre outros, o lugar da educação na educação social, os efeitos educativos, as relações entre teoria e prática, a posição profissional.

Maria Padrós Cuxart, professora de Educação Social na Universidade de Barcelona, intitulou o seu artigo *Educación Social y evidencias*, onde se interroga sobre o facto do campo da educação social se manter afastado da comunidade científica internacional, não obstante o acesso generalizado ao conhecimento científico e a demanda social para que as políticas públicas se baseiem em evidências. Como se sabe, a educação é um fenómeno complexo. Porém, grande parte das práticas educativas baseiam-se em crenças e conhecimentos do senso-comum. A autora procura demarcar-se de um praticismo rotineiro, colocando novas exigências no domínio dos conhecimentos. Ao reivindicar a necessidade do que designa de “evidence-based” e um maior rigor científico nas propostas de educação social, a autora considera crucial o diálogo com os atores implicados, incluindo as pessoas que, historicamente, não tiveram a oportunidade de participar na tomada de decisões.

No artigo, *Los Bordes de la transmisión. Re-presentaciones y aprendizajes de la locura*, os autores, Asun Pié Balaguer e Miguel Salas Soneira, ambos professores da Universitat Oberta da Catalunya, apresentam um ensaio crítico que problematiza o impacto da transmissão cultural no campo da saúde mental. Revisitam a teoria de Hérbart (1776-1841) assinalando que o agente (educador) e o sujeito da educação (educando) encontram-se precisamente no campo da transmissão cultural que deve existir entre ambos. Os autores destacam o contributo do movimento de pessoas “Escuchadoras de Voces (“Hearing Voices”) para enfrentar o sofrimento psíquico. E dão especial realce ao domínio da saúde mental na educação social. A educação social pode ter um papel importante na prevenção em saúde mental. Se a educação já tem essa incumbência, a educação social, por exigência da sua própria definição, não pode ficar indiferente à dimensão da saúde social. Existe aqui o potencial de um trabalho preventivo de inserção, reinserção social que tem fortes implicações no bem-estar psíquico e social que não pode deixar de ser considerado.

Cosme Sánchez Alber, na qualidade de trabalhador social, titula o seu artigo *La paradoja de la práctica y la realidad asistencial: una pragmática orientada por la singularidad*, onde se interroga sobre algumas das relações possíveis entre o sujeito, a instituição e a ética a partir de uma prática orientada pela singularidade. Parte da descodificação etimológica da palavra de origem grega 'paradoxo', e do seu sentido na estilística, para sustentar que os paradoxos são, efetivamente, um estímulo para o pensamento e a reflexão. O autor defende que uma *praxis* orientada pela singularidade é aquela que dá lugar, espaço e tempo para acolher a especificidade de cada ser humano. E apresenta testemunhos de diversos sujeitos onde se dá voz ao outro e à sua singularidade.

Por fim, Jordi Solé Blanch, professor da Universidad Oberta da Catalunha, no artigo *Abandonar o resistir frente a las paradojas de la educación social*, coloca diversas questões como estas: Como construir uma posição ética comprometida com o trabalho social e educativo com os outros? Qual o paradoxo que tem de se enfrentar face a uma individualização dos problemas sociais? O autor constata que os serviços próprios dos regimes de bem estar estão a diminuir e que se consolidou um conjunto de dispositivos de segurança, de assistência, de beneficência, geridos por técnicos estatais que se limitam a distribuir bens individuais no âmbito de um sistema de proteção burocratizada da existência. Solé Blanch, alinhado com outros autores deste livro, assinala os paradoxos que subsistem nas formas de governo neoliberal defendendo uma *praxis* com atividades criadoras que permitam ao sujeito modificar a sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O trabalho não pode ser avaliado apenas por indicadores económicos. No trabalho social o que está em causa é a promoção da integridade social, a promoção da dignidade humana e do bem-estar social, ajudando cada um a promover a sua própria mudança. Aqui os índices de produtividade, de rentabilidade e eficiência são outros. O problema é que as políticas neoliberais têm dificuldades em avaliar o trabalho social fora do seu quadro de valores estritamente económicos.

Esta obra, objeto de recensão, apresenta inegável qualidade discursiva e teórico-conceptual e torna-se de leitura obrigatória para aqueles que trabalham na Educação Social, sejam investigadores, professores ou trabalhadores no terreno social. Os artigos selecionados para a composição da publicação, com enquadramentos teóricos e metodológicos diversos em função das especificidades temáticas abordadas, confluem, *grosso modo*, em duas premissas relevantes: 1) a educação social é uma profissão relativamente recente, cuja profissionalização exige a busca da excelência através do método científico, de referenciais teóricos e de *skills* técnicos; 2) a educação social é uma profissão de futuro, um futuro que não se pode negar às pessoas que o educador social atende nem à sociedade na (e pela qual) se trabalha.

## Referências

- Gonçalves, M.N. & Brás, J. V. (2020). As (re)configurações da educação: a dimensão socioeducativa. *Revista Lusófona de Educação*, 48, 43-57 Disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7315>, consultado em 26 de Novembro de 2020. doi: 10.24140/issn.1645-7250.rle48.03
- Montané Lopez, A. & Sánchez-Valverde, C. (2013). *Derechos humanos y educación social*. Valencia: Editorial Germania.
- Ortega Esteban, J. (2013). Intervención en diversidad cultural e inclusión social. In Azevedo, S. & Correia, F. (Coords). *Educação e Integração social. 3º Congresso Internacional de Educação Social*. (pp. 49-60). Porto: Fronteiras do Caos Editores.

### **Maria Neves Gonçalves**

Universidade Lusófona, CeIED

Email: p1873@ulusofona.pt

Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-2531-4618>

### **José V. Brás**

Universidade Lusófona, CeIED

Email:p542@ulusofona.pt

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0374-748X>

### **Lucimar Dantas**

Universidade Lusófona, CeIED

Email:lucimar.dantas@ulusofona.pt

Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-3804-1903>